

Americanos ingênuos e vietnamitas silenciosas: uma abordagem intertextual de *O americano tranquilo* e *O prisioneiro*

Naive American Men and Silent Vietnamese Women: an Intertextual Approach of The Quiet American and O Prisioneiro

Rodrigo César Dias¹

Resumo: o presente trabalho propõe o delineamento de dois perfis de personagens presentes nos romances *O americano tranquilo*, de Graham Greene, e *O prisioneiro*, de Erico Verissimo, quais sejam, o “americano ingênuo” e a “vietnamita silenciosa”. Com isso, não se pretende engessar os personagens dentro dessas categorias, mas pensar, a partir delas, em como as guerras e suas dinâmicas de poder subjacentes são representadas no plano formal dos romances. Para tanto, são mobilizadas as perspectivas de Julia Kristeva e Laurent Jenny acerca da intertextualidade.

Palavras-chave: *O americano tranquilo*; *O prisioneiro*; Guerras no Vietnã.; Intertextualidade.

Abstract: This paper intends to outline two characters' profiles from Graham Greene's *The Quiet American* and Erico Verissimo's *O prisioneiro*, which are the “naive American man” and the “silent Vietnamese woman”. It is not intended, though, to restrain the characters within these categories, but to use these categories as means of considering how war and its subjacent power dynamics are portrayed in the formal plan of the novels. To this purpose, we utilized the perspectives of Julia Kristeva and Laurent Jenny about intertextuality.

Keywords: *The quiet American*; *O prisioneiro*; *Wars in Vietnam*; *Intertextuality*.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Doutorando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil. Bolsista Capes – Brasil. E-mail: rodrigocezardias@gmail.com.

Apontamentos iniciais

O americano tranquilo, de Graham Greene, e *O prisioneiro*, de Erico Verissimo, publicados respectivamente em 1955 e 1967, possuem diversos pontos de contato, visto que seus enredos se desenvolvem em meio a guerras em solo vietnamita. O primeiro romance se passa durante o movimento de independência da Indochina em relação à França, sua metrópole até 1954; o segundo, embora não indique o nome das localidades ou a nacionalidade dos personagens, permite, por meio de diversos índices, que identifiquemos sua ambientação na guerra entre Vietnã do Sul, apoiado pelos Estados Unidos, e Vietnã do Norte, que tinha como aliados a Frente Nacional para a Libertação do Vietnã, composta por sul-vietnamitas comunistas e, ainda, a China. Apesar de terem sido duas guerras distintas, observamos nos romances imagens recorrentes, como os atentados a bomba e as vítimas mutiladas e mortas, bem como a representação do espaço e da cultura vietnamita pelo olhar ocidental.

Ambos os textos dirigem críticas contundentes contra as intervenções estadunidenses, o que se materializa, em parte, por meio da representação de certos personagens americanos – em especial Alden Pyle, de *O americano tranquilo*, e o tenente, de *O prisioneiro* –, que podem ser caracterizados como ingênuos ou mesmo alienados. Esses personagens parecem não perceber a que propósitos estão servindo e acreditam, em maior ou menor escala, na democracia como um fim que justifica eventuais sacrifícios – sobretudo quando de vidas não americanas. Como contraparte a essas representações do “americano ingênuo”, temos as “vietnamitas silenciosas”, que tomam forma nas personagens Phuong, de *O americano tranquilo*, e K., de *O prisioneiro*. À sua maneira, cada uma delas representa um lugar de silenciamento decorrente da dificuldade de essas mulheres se comunicarem em inglês, o que reflete a fragilidade de sua posição e da posição de seus países em relação aos Estados Unidos. Desse modo, elas acabam exercendo mais um papel de objeto no discurso dos personagens americanos e europeus do que de sujeito de seu próprio discurso.

Com o delineamento dessas duas categorias não se pretende reduzir os personagens a estereótipos, e sim pensar em como esses perfis contribuem para

pensarmos como as guerras e as dinâmicas de poder entre as pessoas e entre as nações são representadas nos romances. Para tanto, são mobilizadas as perspectivas de Julia Kristeva e Laurent Jenny acerca da intertextualidade, buscando explorar as relações que podem ser estabelecidas entre os dois romances.

O romance como trama intertextual

O conceito de intertextualidade foi cunhado por Julia Kristeva a partir do dialogismo bakhtiniano, sendo que, para a autora, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla” (KRISTEVA, 2005, p. 68, grifo da autora). De acordo com Laurent Jenny, “fora da intertextualidade, a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra numa língua ainda desconhecida” (JENNY, p. 5, 1979), visto que o texto literário só se torna legível quando relacionado com os seus arquétipos, abstraídos a partir de longas séries de textos. Desse modo, podemos situar os romances a serem aqui analisados em diversas linhagens sobrepostas. Ambos são romances realistas e, mais especificamente, romances de guerra, ou seja, obras que conferem centralidade ao conflito bélico; podemos considerar, também, que se trata de romances antibelicistas, dado que a guerra é representada sob o signo do injustificável e da barbárie.

Laurent Jenny salienta, ainda, a dificuldade em se determinar o grau de explicitação da intertextualidade em obras que não apresentam citações literais. Como *O prisioneiro* não cita diretamente *O americano tranquilo*, não temos como precisar se as recorrências temáticas e formais apresentadas pela leitura das obras são derivadas do uso do código – pensando em possíveis tópicos do romance de guerra, por exemplo –, ou se são fruto de reminiscências de leitura de Erico – tanto da obra de Greene, que constava em sua biblioteca², como de

² Devo essa informação à Profa. Maria da Glória Bordini por ocasião da disciplina “Seminário de Autor: o romance de Erico Verissimo e suas intertextualidades II”, ministrada por ela em 2016/2 no PPGLT-UFRGS.

diversos outros textos possíveis. Nesse sentido, é oportuno mobilizar o seguinte argumento de Antoine Compagnon:

[...] quando me ponho a escrever, disponho de um certo número de unidades dispersas, materializadas (em fichas, por exemplo) ou não. Talvez o estatuto dessas unidades não tenha uma diferença essencial, que elas sejam citações ou não, nem que alterem muita coisa na escrita. *Aliás, estaria eu em condições de me recordar, de enunciar a origem das unidades que não são citações? Não seria possível que elas também o fossem?* O trabalho da escrita é uma reescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente, de juntá-los, de compreendê-los (de torná-los juntos), isto é, de lê-los: não é sempre assim? Reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário. (COMPAGNON, 1996, p. 38-39, grifo meu)

A escrita se configura, pois, enquanto reescrita, como atividade que organiza diversos elementos e diversos enunciados em um todo coerente. Esse procedimento pode ser ilustrado no caso de Erico por meio de um relato do autor em *Solo de clarineta*, no qual ele rememora a leitura da revista *L'illustration* durante sua infância e a relaciona à escrita de *O prisioneiro*:

O que mais me interessava [em *L'illustration*], porém, eram as reportagens sobre a Indochina. (Cochinchina pertencia à minha coleção de palavras mágicas). Lá estavam naqueles clichês os nativos, magros, descalços, com suas calças a meia canela, seus chapéus cônicos — figuras que sugeriam estórias de crimes, emboscadas, punhais e venenos sutis. Os *colons* franceses, vestidos de branco, com chapéus de cortiça na cabeça, passeavam à sombra dos pagodes ou navegavam em sampanas. (Creio que essas impressões da Indochina me prepararam o espírito para ler com especial apetite e deleite, dezessete anos mais tarde, o romance *Les civilisés*, de Claude Farrère.) Saigon exercia sobre o espírito do menino uma poderosa fascinação. Por suas ruas rodavam aquelas curiosas carruagens puxadas por um nativo, os *rickshaws*. (“Mamãe, como se pronuncia esta palavra?” Resposta: “Sabe-me lá! Pergunta ao teu pai”).

[...]

Lembro-me especialmente dum número de *L'illustration* com vistas de Hué, a antiga capital anamita, a cidade sagrada, com seus jardins, seu rio, seus templos e o palácio imperial. (Quase sessenta anos mais tarde, ao escrever o livro intitulado *O Prisioneiro*, romance que se passa num país asiático cujo nome não menciono, eu haveria de localizar-lhe a ação numa cidade com todos os característicos de Hué). (VERISSIMO, 1987, p. 69-70)

Observamos, assim, rastros da constituição intertextual do romance materializados na referência às reportagens de *L'illustration* e ao livro de Farrère. Entretanto, podemos ampliar o escopo dos textos que podem ser conotados por *O prisioneiro* se considerarmos a perspectiva de Julia Kristeva, na qual texto equivale a sistema de signos, abrangendo obras literárias, linguagens orais e sistemas simbólicos sociais ou inconscientes (JENNY, 1979, p. 13). Seguindo por essa senda, a autora aponta que a intertextualidade designaria a transposição “de um (ou vários) sistema(s) de signos noutra” (KRISTEVA, 1974, p. 60 apud JENNY, 1979, p. 13).

Levando isso em consideração, os romances operam a transposição de vários outros textos para sua superfície textual – reportagens, imagens, entrevistas, fotografias etc. No caso de Greene, essa relação se intensifica, visto que o autor esteve no Vietnã durante a guerra de independência a serviço da revista *Life*, tendo acesso não só às notícias sobre a guerra, mas também às falas de diversos atores sociais que vivenciaram a situação do conflito. Assim, seu romance se estrutura como transposição da história e da sociedade, apreendidas como sistemas de signos, para o texto ficcional e por ele refratadas, o que, de certa forma, já é anunciado no texto que introduz a obra: “mesmo os acontecimentos históricos foram reordenados. A grande bomba de perto do Continental, por exemplo, foi antes e não depois das bombas das bicicletas” (GREENE, 1974, p. 9).

Considerando que, conforme Laurent Jenny, “a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido” (JENNY, 1979, p. 14), a presente leitura tomará *O prisioneiro* como texto centralizador que dialoga, dentre uma miríade de textos, com *O americano tranquilo*. Desse modo, será destacada essa relação, mobilizando, para tanto, duas figuras da intertextualidade apresentadas por Jenny, quais sejam, a amplificação e a hipérbole.

Os americanos e a Engrenagem

O *americano tranquilo* parte de uma situação inicial em que Alden Pyle, o americano em questão, já está morto, sendo evocado por meio das recordações do personagem-narrador Thomas Fowler, jornalista britânico de meia idade que atuava como correspondente de guerra no Vietnã. Ao longo da obra, somos conduzidos por Fowler pelos acontecimentos compreendidos entre seu primeiro encontro com Pyle e a investigação de sua morte.

Duas cadeias de eventos organizam o romance, uma no plano sentimental e a outra no plano político, sendo que ambas se entrelaçam. A primeira consiste no triângulo amoroso envolvendo os dois personagens e Phuong, amante de Fowler por quem o americano se apaixona, chegando a pedi-la em casamento – algo que o inglês não poderia oferecer a ela, visto que sua esposa, que ficara na Inglaterra, relutava em lhe conceder o divórcio por conta de motivos religiosos. A segunda cadeia de eventos toma forma por meio da investigação empreendida por Fowler a respeito dos verdadeiros objetivos de Pyle no Vietnã: ao invés de trabalhar em uma missão econômica, como declarava, o americano seria responsável pelo fornecimento de materiais explosivos para as forças do general Thé, líder de um grupo dissidente que se opunha tanto aos comunistas como às forças coloniais francesas.

Heng, um contato do assistente de Fowler, alerta o jornalista sobre a atividade de Pyle, apresentando evidências materiais que associavam o americano ao suprimento de explosivos para Thé. Sem obter sucesso em dissuadir Pyle de continuar atuando nessa empreitada, que já havia então causado a morte de mais de cinquenta pessoas em um atentado, Fowler acaba aceitando a proposta feita por Heng e guia o americano para a armadilha na qual ele viria a ser assassinado.

Alden Pyle é caracterizado no romance como um jovem sério, quieto e ingênuo. Leitor ávido de York Harding³, Pyle acreditava na ideia do autor de que a solução para os problemas do Oriente seria a implantação de uma Terceira Força: a democracia nacional como alternativa ao comunismo e ao colonialismo. Assim, o americano via no general Thé o potencial para o estabelecimento de um futuro governo democrático e de um futuro aliado para os Estados Unidos

³ York Harding é um autor fictício que seria especialista na questão indochinesa e teria publicado livros como *O avanço da China Vermelha*, *O desafio à Democracia* e *O papel do Ocidente*.

em sua disputa contra o bloco comunista, considerando a Guerra Fria como pano de fundo e a posição estratégica que o Vietnã possuía nesse cenário. Pyle não conseguia, todavia, perceber os problemas desse projeto de “fabricação” de uma democracia nacional por estar demasiado envolvido pela ideologia salvacionista estadunidense, elemento que também é explorado n’ *O prisioneiro*.

Erico antepõe ao seu romance o seguinte comentário: “O PRISIONEIRO é uma espécie de parábola moderna sobre vários aspectos da estupidez humana como, por exemplo, a guerra e o racismo, bem como um comentário à margem das muitas prisões do homem como peça da Engrenagem” (VERISSIMO, 1967, p. 1). Com isso, o autor já desenha a Engrenagem como uma alegoria do processo social, demasiado complexo para que a maioria dos indivíduos consiga enxergar sua mecânica de forma mais profunda ou mesmo perceber sua integração no sistema enquanto peça. O caráter de parábola sinalizado pelo autor nessa advertência inicial é reforçado pela indeterminação dos personagens e da cidade em que decorre a ação, nunca nomeados, apesar de ser possível entrever suas nacionalidades e sua localização por meio de diversos indícios semeados ao longo do texto.

O prisioneiro apresenta um narrador onisciente que adere à perspectiva de determinados personagens conforme a cena. Esse procedimento é comentado por Erico em seu ensaio não publicado *Anatomia dum romance*, do qual alguns excertos podem ser lidos no artigo de Cristina Maria Penz intitulado “Anatomia de um romance: um ensaio auto-crítico – notas manuscritas de Erico Verissimo”. Segundo o romancista, em *O prisioneiro*, “o autor comumente assume o ponto de vista da personagem em cena: coronel, etc.” (VERISSIMO apud PENZ, 1985, p. 39). Somos introduzidos por meio da obra a diversos personagens, em sua maioria militares, distinguidos por suas patentes, como o coronel, cuja rigidez se opõe ao comportamento do major, mais aclimatado ao país ocupado e um tanto desleixado na visão de seu superior, além de travarmos contato com o capitão-médico e com o sargento, que desempenham papéis mais pontuais na trama.

A figura central do livro, porém, é o tenente, caracterizado como mestiço (filho de um homem negro e uma mulher branca), que não conseguia aceitar sua negritude, sendo que sua atuação na guerra parece ser motivada por uma

tentativa de fuga do racismo de seu país. Mais do que isso, ele reproduz o racismo – que pode ser visto como outro aspecto da Engrenagem –, caracterizando sua esposa, por exemplo, como “quadrarona”⁴ e afirmando que, além de não querer ser negro, não conseguia estimar sua gente – “[...] não gosto do... seu cheiro, dos seus traços fisionômicos, do seu jeito de falar...” (VERISSIMO, 1967, p. 88).

Por conta de sua formação em psicologia, o tenente vem a ser submetido ao dilema central do romance ao ser responsável pelo interrogatório de um prisioneiro vietnamita. Sem obter sucesso através de seus métodos, ele acaba autorizando a tortura como meio para descobrir a localização de uma bomba e, assim, impedir a morte de civis. Como resultado mais imediato desse crime de guerra, temos a morte do prisioneiro, que ocorre praticamente ao mesmo tempo em que sua irmã chega à instalação militar para confessar o local onde o explosivo estava armado. Sabendo que seria responsabilizado pelo crime, o tenente passa por momentos de crise que viriam a culminar em um delírio em que ele revive uma cena de sua infância na qual ele fugiu ao ver seu pai apanhando por ser negro; dessa vez, contudo, ele defende o pai, tomando a metralhadora de um soldado que pedira sua identificação e disparando contra os agressores imaginários. Para evitar que transeuntes e demais militares fossem atingidos, outro soldado, também negro, vê-se forçado a alvejá-lo, tirando sua vida e carregando como fardo o fato de ter matado, em suas palavras, “um homem de sua raça”.

Ao longo do romance, o tenente, assim como Pyle, demonstra acreditar na necessidade de os Estados Unidos intervirem no conflito entre Vietnã do Sul e Vietnã do Norte, o que é explicitado em um diálogo com a professora, amiga sua que, por meio de pistas deixadas no texto, podemos concluir que é de nacionalidade francesa. A questão do salvacionismo estadunidense é levantada em um longo diálogo entre os dois personagens, no qual a professora, após criticar a intervenção americana, desenvolve o seguinte argumento:

– [...] há em seus compatriotas uma coisa que às vezes me exaspera. É... é uma espécie de candura, uma perigosa inocência juvenil

⁴ Termo pejorativo que designa quem possui um dos avós negros, ou seja, um quarto de “sangue negro”.

misturada com um... um moralismo farisaico... [...] Na minha opinião, vocês se transformaram, talvez sem perceber, em modernos Inquisidores que a ferro e a fogo querem impor aos hereges a sua Salvação e o seu Céu.

– Refere-se a esta guerra?

– Sim, e também a essa espécie de paz que seu país oferece aos chamados povos subdesenvolvidos, uma paz policiada, colonial, digamos, romana... Na minha opinião, no caso deste conflito, vocês podem ser comparados com um Bom Samaritano desastrado que fere e até mesmo mata a pessoa que pretende socorrer... (VERISSIMO, 1967, p. 66-67)

Essa “perigosa inocência juvenil”, bem como a imagem desse “Bom Samaritano desastrado”, pode ser comparada à inocência atribuída por Fowler a Pyle, comentada no seguinte trecho: “a inocência, mesmo sem falar, sempre solicita nossa proteção, quando seria muito mais sensato que nos defendêssemos contra ela. A inocência é como um leproso mudo que perdeu sua campainha, e que anda pelo mundo sem intenção de fazer o mal” (GREENE, 1974, p. 53). Desse modo, vislumbramos em ambos os romances personagens que possuem um horizonte mais alargado de visão a respeito do processo social confrontando a ingenuidade perigosa desses americanos que funcionam como pequenas engrenagens que integram a Engrenagem sem se darem conta disso.

Retomando o diálogo supracitado, o tenente, não conseguindo justificar ou mesmo rebater os argumentos de sua amiga de uma forma mais consistente, acaba recorrendo ao relato das estratégias de guerrilha dos vietcongues e do tratamento bárbaro dispensado por eles aos inimigos. A seguir, avanta o risco iminente de que o país sucumbisse ao domínio comunista, questionando a professora se essa seria uma melhor solução:

– É óbvio que não, meu caro. Mas há um fato elementar que o seu Governo parece não ter percebido claramente. O comunismo desta gente é a forma superficial que toma o seu nacionalismo. O que eles ainda querem é viver a sua vida sob governo próprio e com liberdade.

– Mas acredita que este povo esteja suficientemente maduro para a liberdade?

– Não se trata de estar ou não maduro. Todo ser humano tem um *direito natural* à liberdade. E, afinal de contas, quem é que vai decidir no mundo que povo está ou não maduro, quem tem ou não direito à liberdade? Vocês? Por quê? Porque são fortes econômica e militarmente? Ou porque são os representantes da vontade divina na Terra? (VERISSIMO, 1967, p. 71-72, grifo do autor)

Percebemos, pois, o argumento de que a intervenção estadunidense seria um expediente necessário para impedir o avanço comunista na geopolítica mundial sendo utilizado pelos dois personagens americanos aqui abordados. No diálogo supracitado, o tenente introduz ainda uma nova questão: será que o povo vietnamita, que recusa médicos e remédios, preferindo recorrer a feiticeiros, estaria apto para ser livre? Não precisariam eles da tutela dos Estados Unidos, o grande bastião da liberdade durante a Guerra Fria?

Questão semelhante é discutida por Alden Pyle e Thomas Fowler em um episódio de *O americano tranquilo*, no qual ambos estão abrigados em uma torre de vigia junto a dois jovens soldados vietnamitas. No que o americano assinala a necessidade de se lutar pela liberdade, é respondido da seguinte forma pelo jornalista:

– Não vi nenhum americano lutando por aqui. Quanto à liberdade, não sei o que significa. Pergunte a eles [os soldados].

E perguntei-lhes, através do quarto, em francês:

– *La liberté... qu'est ce que c'est la liberté?*

Sugaram o arroz e fitaram-nos, sem dizer nada.

– Você queria que toda a gente fosse feita pelo mesmo molde? – perguntou Pyle. – Você está argumentando só por argumentar. Você é um intelectual. Você é a favor da importância do indivíduo tanto quanto eu – ou York.

– Por que é que só agora descobrimos isso? – perguntei. – Há quarenta anos, ninguém falava dessa maneira.

– É que a liberdade não estava ameaçada.

– *A nossa não estava ameaçada* – de modo algum –, mas quem se importava com a individualidade do homem do arrozal? E quem se importa agora? A única pessoa que o trata como homem é o comissário político. Senta-se em sua cabana, pergunta como é que ele se chama e ouve suas queixas; reserva uma hora de seu dia para ensiná-lo. O que lhe ensina, não importa; a verdade é que o trata como homem, como alguém que vale alguma coisa. Não ande pelo Oriente com esse grito de papagaio a respeito da ameaça à alma individual. Aqui, você se encontraria do lado errado: eles é que são a favor do indivíduo; nós somos a favor do conscrito 23 987, uma unidade na estratégia global (GREENE, 1974, p. 135, grifo meu)

No que se refere à representação dos americanos e de sua política de intervenção nos romances, podemos destacar duas ocorrências de amplificação que, segundo Jenny, consiste na “transformação dum texto original por desenvolvimento das suas virtualidades semânticas” (JENNY, 1979, p. 39).

Afora a questão contextual, visto que os Estados Unidos não intervieram de forma mais direta na guerra colonial travada entre Indochina e França, todos os personagens americanos de *O prisioneiro* ocupam postos militares e acreditam em alguma medida na importância da intervenção militar, o que proporciona um olhar multifacetado para a questão que, n' *O americano tranquilo*, era centralizada na figura de Pyle.

Além disso, podemos considerar que também há amplificação na representação do racismo, que constitui um dos alicerces centrais do romance de Erico. Enquanto n' *O americano tranquilo* ele é velado, transparecendo no modo como os ocidentais se colocam como superiores em relação aos orientais, em *O prisioneiro* o racismo é explicitado sem meias palavras: os vietnamitas são tratados como pertencentes a uma sub-raça pelo coronel, por exemplo, que caracteriza um guerrilheiro vietnamita como um “rato amarelo”. Articulada a essa relação, temos o racismo que obseda o tenente e, ao mesmo tempo, é por ele reproduzido, tanto em relação aos negros, como em relação aos vietnamitas, vistos como um povo que não seria capaz de governar a si próprio. A respeito disso, a professora levanta ainda uma questão mais aguda, para a qual o tenente não encontra resposta: “vocês se portariam da mesma maneira se estivessem numa guerra ortodoxa, contra um país de brancos? Será que o fato de matar ‘ratos asiáticos’, sub-homens, justifica o uso de armas químicas?” (VERISSIMO, 1967, p. 69-70).

As vietnamitas sem voz

No segundo capítulo de *Woman, native, other: writing postcoloniality and feminism*, a cineasta, escritora e compositora vietnamita Trihn Thi Minh-ha dirige uma crítica aguda à antropologia, caracterizando-a não só como uma conversa “de homem para homem”, mas também como uma conversa entre homens brancos acerca dos “nativos”, reduzidos a objeto. Conforme a autora, “a conversation of ‘us’ with ‘us’ about ‘them’ is a conversation in which ‘them’ is silenced. ‘Them’ always stands on the other side of the hill, naked and

*speechless, barely present in its absence*⁵ (TRINH, 1989, p. 67). Essa leitura do discurso antropológico pode ser mobilizada para pensarmos a posição dos personagens americanos e europeus em relação ao povo vietnamita e, em especial, às mulheres vietnamitas representadas nos dois romances.

No capítulo em que Fowler rememora o primeiro encontro entre Pyle e Phuong, no qual o americano, após ter tirado a jovem para dançar, pede desculpas por ter privado o jornalista da companhia de sua amante, o narrador faz um comentário que pode ilustrar as palavras de Trinh: “era sempre assim, na terceira pessoa, que a gente se referia a ela, como se não estivesse presente. Às vezes, ela parecia invisível como a paz” (GREENE, 1974, p. 64). Essa “presença ausente” de Phuong aparece ainda de forma mais intensa quando o americano declara seu “amor” a ela, pedindo-a em casamento por intermédio da tradução simultânea de Fowler, seu rival, visto que ele não conseguia se comunicar em francês e ela compreendia pouco a língua inglesa.

Eu traduzia suas palavras com meticuloso cuidado: a coisa soava pior dessa maneira, e Phuong, sentada com as mãos sobre o colo, parecia estar escutando as palavras de um filme.

– Ela entendeu isso? – perguntou ele.

– Tanto quanto posso dizer. Você não quer que eu acrescente um pouco de entusiasmo a isso, quer?

– Oh, não – respondeu. – Apenas traduza. Não desejo influir sobre ela emocionalmente.

– Compreendo.

– Diga-lhe que quero casar com ela.

Eu disse.

– Que foi que ela respondeu?

– Perguntou se você estava falando sério. Eu disse-lhe que você era do tipo sério (GREENE, 1974, p. 106-107)

Assim, a conversa paralela de Fowler e Pyle se sobrepõe ao pedido de casamento, deixando para Phuong o lugar de espectadora em uma discussão sobre a sua própria vida. É sintomático, pois, que as duas falas que antecedem a recusa da proposta estejam marcadas pelo imperativo: “– Diga-lhe que vá

⁵ “Uma conversa entre “nós e “nós mesmos” sobre “eles” é uma conversa na qual “eles” são silenciados. “Eles” sempre ficam do outro lado da colina, nus e calados, minimamente presentes em sua ausência” (tradução minha).

embora e que leve o cão consigo – disse eu a Phuong./ – Saia agora comigo – disse Pyle. – *Avec moi*” (GREENE, 1974, p. 109).

É oportuno observar que há um contraste bastante evidente entre Phuong e Hei, sua irmã mais velha que desempenha o papel de chefe da família, visto que os pais delas já estavam mortos. Primeiramente, Hei é tratada pelo sobrenome, nunca aplicado quando alguém se refere a Phuong no romance. Em segundo lugar, por dominar a língua inglesa, ela galga uma posição administrativa junto à Legação Americana por intermédio de Pyle, que, em sua opinião, era um bom candidato para casar-se com Phuong. Quando Fowler mente que obteve o divórcio, será Hei que descobrirá a farsa ao ler a carta que o jornalista recebeu de sua esposa negando o pedido, o que será o principal motivo para Phuong deixar Fowler e reconsiderar a proposta de Pyle.

Em *O prisioneiro*, por sua vez, a impossibilidade de comunicação da mulher vietnamita representada é alçada a um patamar mais extremo no caso da prostituta por quem o tenente alega estar apaixonado. Sem conseguir sequer compreender como ela se chamava, ele a trata por K., o único retalho sonoro que pôde identificar de seu nome. Na mesma longa conversa com a professora, já citada anteriormente, o tenente confessa sua afeição pela mulher, sem saber se seria recíproco.

- E qual é mesmo o seu grande problema com K.? Ela gosta de você?
- É inacreditável, mas não sei. Tive medo de perguntar. Se perguntasse, possivelmente ela me diria uma mentira amável, profissional. De resto, mal nos comunicamos verbalmente. Não sei mais que uma escassa dezena de palavras e frases da língua dela. Ela sabe muito pouco, quase nada, da minha. Entendemo-nos... e às vezes nos desentendemos com gestos (VERISSIMO, 1967, p. 96-97)

Seguindo com o assunto, a professora levanta uma analogia que pode servir de chave para pensar não só a posição de K., como a posição de Phuong. Quando o tenente revela que K. fora violentada durante a guerra de 1954 por um soldado francês, ela questiona o seguinte: “e você não pensou na analogia que existe entre K. e esta terra? Hoje não serão vocês os violadores?” (VERISSIMO, 1967, p. 97). Podemos pensar, pois, nessas duas mulheres como representações de um país ocupado por estrangeiros. No caso de Phuong, ainda

que não haja prostituição propriamente dita, mas quase uma relação de concubinato, ela é tratada como um objeto a ser disputado entre um europeu aclimatado que apresenta uma postura “colonial”, e um americano que deseja intervir nessa relação e proteger a “nativa” sem considerar que ela possui vontade própria.

O desfecho das duas mulheres, contudo é bastante diferente. Enquanto *O americano tranquilo* se encerra com a obtenção do divórcio por Fowler e a possibilidade – bastante vaga – de ele vir a se casar com Phuong, *O prisioneiro* reserva para K. uma morte violenta em um atentado a bomba. Se em dado momento do romance o narrador, aderido à perspectiva do tenente, observa K. com piedade, “submissa e desamparada, como uma simples coisa sem vontade própria” (VERISSIMO, 1967, p. 125), após a explosão o personagem encontra o corpo da jovem, parcialmente queimado, inanimado. Quando questionado se a conhecia, para fins de identificação, o tenente responde negativamente, o que acaba sendo uma meia verdade, visto que não sabia sequer seu nome. A seguir, “dois homens ergueram o corpo de K. como se ela fosse uma boneca de pano e o atiraram como uma coisa – os brutos! – para dentro dum caminhão” (VERISSIMO, 1967, p. 129).

Assim, ao compararmos a representação de K. à de Phuong, podemos observar a ocorrência de uma hipérbole, outra figura da intertextualidade, que se manifesta na “transformação de um texto por superlativação da sua qualificação” (JENNY, 1979, p. 41). A dificuldade de Phuong em se comunicar, seja por não dominar o inglês, seja por não conseguir compreender de todo os códigos de sociabilidade partilhados pelos “ocidentais”, é superlativada na figura de K., que só consegue se comunicar no âmbito da prática da prostituição e, mesmo assim, de forma precária.

Considerações finais

Com o desenho das categorias “americano ingênuo” e “vietnamita silenciosa” pretendeu-se, neste artigo, salientar sua relação complementar, assentada em uma postura tutelar dos americanos para com as vietnamitas que dialoga com a relação estabelecida entre seus países. Dessa maneira, pensando em uma relação dialética entre forma literária e processo social, o silenciamento

dessas mulheres é eloquente a respeito da situação de fragilidade que elas e o seu país vivenciavam, seja na incerteza da guerra colonial em que os americanos se afiguraram como possíveis aliados, seja na guerra de intervenção americana que dilacerou o país em nome da “democracia”.

A respeito da representação dos “americanos ingênuos”, devemos salientar que sua ingenuidade ou alienação não os absolve. Ainda assim, é oportuno pensar em como essa característica aponta para um problema estrutural manifestado em superfície por meio do patriotismo e fanatismo, alicerçados por uma política de medo e ódio para com o outro, cuja continuidade podemos observar na “Guerra ao Terror”, que já respaldou a intervenção americana e europeia no Iraque, no Afeganistão e, mais recentemente, na Síria. Tendo esse panorama em vista, *O prisioneiro* se destaca por conta de sua ambivalência constituinte de “parábola moderna”: historicamente enraizado, o romance consegue manter-se atual ainda nos dias de hoje, resignificando-se a cada nova guerra de intervenção.

Referências

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GREENE, Graham. **O americano tranquilo**. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: **Poétique**: revista de teoria e análise literárias: intertextualidades. Coimbra: Almedina, 1979. p. 5-49.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2. ed.. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PENZ, Cristina Maria. Anatomia dum romance: um ensaio auto-crítico – notas manuscritas de Erico Verissimo. **Travessia**, Florianópolis, n. 11, p. 36-43, jul.-dez. 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17551/16125>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

TRIHN, Thi Minh-ha. **Woman, native, other**: writing postcoloniality and feminism. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

VERISSIMO, Erico. **O prisioneiro**. Porto Alegre: Globo, 1967.

VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**: memórias. 18. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987. v 1.